

O PROBLEMA DAS SECAS

Rui Simões de Menezes

1. Estão reunidas informações preciosas sobre o problema das secas nos 2 volumes editados pelo Instituto do Ceará — “História das Secas (até o século 19)”, de Joaquim Alves; e “História das secas (século 20)”, de Thomaz Pompeu Sobrinho.

2. Artur Neiva e Belisário Penna, em 1912, a convite do eng. Arrojado Lisboa (à época, Inspetor da antiga Inspet. Fed. Obras Contra Secas, IFOCS), percorreram o Nordeste. A descrição dessa importante viagem de estudos figura, em 1916, no vol. 8, no. 3 das “Mem. Inst. Oswaldo Cruz”, pp. 74-224, um mapa, ests. 1-28, figs. 1-116 (reimpresso em separado em 1918). Nela, qualificam os 2 cientistas de “poliédrico” o problema das secas; recomendam um planejamento global da zona flagelada e um levantamento progressivo dos seus recursos naturais.

3. Além dos valiosos trabalhos científicos do Dep. Nac. Obras Contra Secas, vale mencionar os trabalhos igualmente valiosos do Banco do Nordeste do Brasil (BNB) e da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE). Merece destaque o precioso volume “Recursos e Necessidades do Nordeste” (1964, Recife, edit. pelo ETENE, BNB), cujo subtítulo corresponde à realidade desse cometimento — “Um Documento Básico sobre a Região Nordestina”.

4. Igualmente preciosa é a obra “Desenvolvimento Econômico Regional. O Nordeste Brasileiro” de Stefan H. Robock; e informações úteis são consignadas por Rui Simões de Menezes, na sua “Contribuição à Bibliografia das Secas” (edit. pelo BNB e pelo “Bol. Tecn. DNOCS”).

5. Escreve Robock (p. 24): “O Nordeste Brasileiro possui número crescente de universidades, nas quais a qualidade da educação embora ainda deficiente, está rapidamente melhorando... De especial importância para o futuro é o fato de o Nordeste, sem ajuda significativa dos Estados Unidos, haver progredido consideravelmente no campo de treinamento de técnicos e se preparado institucionalmente para uma nova era de desenvolvimento econômico positivo e acelerado. Mas, com o desenvolvimento de extensa rede de transportes e de um sistema de reservatórios de água no interior, as secas

tornaram-se menos um período de sofrimento humano e mais um fenômeno político. Só recentemente, o Brasil reconheceu que um diagnóstico não bem fundamentado dos problemas do Nordeste constituía a dificuldade básica e que a orientação do programa de desenvolvimento precisava ser modificada” (pa. 25). “O desafio que se apresenta ao Nordeste Brasileiro, portanto, é o de melhorar a eficiência da operação de toda a sua sociedade — dos indivíduos, das instituições privadas e das organizações governamentais — em base de continuidade.” (p. 24).

6. Diz Albert O. Hirschman (1965, “Política Econômica na América Latina”, Edit. Fundo Cultura): “Tomemos, como exemplo, as secas no Nordeste do Brasil. Eis uma calamidade natural que afeta gravemente todo o povo que habita a região, e entre os possíveis remédios há de se pensar primeiro muito naturalmente, na obtenção de fundos de socorro e investimento provenientes do resto do país, e em obras públicas que possam atenuar os efeitos na próxima calamidade e melhorar a economia regional em conjunto. A região obtém um suplemento de recursos de consumo e investimento vindo de fora, e a intenção, a presunção e a impressão geral são de que todos os principais grupos da região só terão a lucrar de alguma forma com a transferência. Entretanto, tendo em vista que o problema é enfrentado dessa maneira não-antagônica durante um longo tempo, e ainda assim continua distante como sempre esteve de uma solução satisfatória, uma nova análise revela alguns fatores antagônicos: o impacto diferencial da seca sobre os grandes proprietários e os meeiros ou trabalhadores rurais, o enriquecimento de alguns grupos e a exploração que acompanha o socorro aos flagelados” (pp. 305-6).

7. Obra capital e de importância considerável é a do Eng. Agrônomo Paulo de Brito Guerra, “A Civilização da Seca” (1981, DNOCS, Fortaleza, 324 pp. ilus). Na 1a. parte aborda “As secas do Nordeste brasileiro, estratégia e estruturas para enfrentar seus efeitos”; na 2a. parte, foca “Aspectos regionais, o açude e a caatinga”; na 3a. parte, analisa “O Potencial disponível e a necessidade de mudanças”. O livro do eminente técnico deverá ter muitas edições e, sem favor, é obra de consulta obrigatória de todos os que se interessam pela nossa sofrida Região.

8. Importante, também, é o folheto “DNOCS. O que é?” (edit. DNOCS, Fortaleza). Vale mencionar o folheto “Recursos hídricos, sugestões” (edit. Sistema Verdes Mares de Comunicação).

8. Na sua edição de 5.1.83, 2o. caderno, publicou o jornal “O POVO” a nota “Um novo enfoque da seca cearense”. Trata-se de comentário ao livro da Dra. Luciara Aragão, “Seca e Política, 1824-1970”, a ser publicado pelas edições da Univ. Fed. Ceará. Escreve ela:— “Politicamente as dificuldades das classes dependentes e as exigências das classes proprietárias, para garantir

privilégios sempre terminaram com as secas ecoando nas casas político-legislativas e nos executivos do País e do Estado (Ceará). Tal situação faz com que as medidas de emergência sejam tomadas apenas no sentido paliativo, deixando intacta a estrutura econômica e as relações sociais de dependência e, por consequência, o teor e o resultado político dessas relações”.

9. Na conjuntura presente, é lícito afirmar que a mentalidade nordestina tem evoluído consideravelmente. Reína uma atmosfera de pesquisa inteligente e a determinação de sanar as imensas falhas estruturais da sociedade nordestina. A democratização do País está produzindo grandes resultados nessa direção. Cabe a nós a tarefa de darmos o melhor do nosso labor em prol do nosso Nordeste, de tantas possibilidades e onde ainda imperam graves distorções sociais. — Fortaleza, Fevereiro 1983.